

CINCO ANOS DEPOIS...

por Mário Soares

1. O tempo passa a correr. Voa, como se costuma dizer. Há cinco anos, contados dia por dia, a partir de 16 de Março de 2003, um dia triste, que por sinal também foi um domingo, realizou-se nos Açores a chamada Cimeira da Vergonha, em que um Presidente da República, George W. Bush, então o "homem mais poderoso da terra", e três primeiros ministros europeus, Tony Blair, José Maria Aznar e José Manuel Durão Barroso, o anfitrião, decidiram, unilateralmente, com falsos argumentos, intencionalmente forjados, invadir o Iraque e, em consequência, destruir o precário equilíbrio e até incendiar, em boa parte, o Próximo Oriente.

Fizeram-no, ignorando deliberadamente a ONU - e o necessário aval do Conselho de Segurança - desrespeitando, assim, a Carta das Nações Unidas, a que estavam obrigados, os apelos repetidos e angustiados do Papa, João Paulo II e, quanto aos três europeus, dividindo, objectivamente, a União Europeia e esquecendo-se, obviamente, de ouvir os partidos, os Parlamentos e a respectivas opiniões públicas.

Porque razão - ou razões - o fizeram? A história, nesse aspecto, está por fazer. Mas será feita, não tenhamos dúvidas, à saciedade, sobretudo após o fim político de Bush, sem honra nem glória, deixando atrás de si mortes, sofrimentos, destruições, crises políticas, financeiras e económicas... Um balanço trágico! Uma divisão de águas profundíssima na opinião pública mundial.

Quanto aos europeus, o que os moveu, foi principalmente a subserviência perante o "patrão americano" e o deslumbramento - ou cálculo, que se revelou falso - em relação à força militar, sem paralelo, de que Bush se vangloriava. Mas para que lhe serviu? Que respondam os mortos, no seu silêncio - com o rasto de memórias que deixaram, e que está a contaminar a América - e os vivos que aí estão para contar, os crimes, os assassinatos, a tortura, as destruições, as pilhagens, os atentados aos Direitos Humanos, que se fizeram à sombra da arrogância e da ganância de uma falsa elite neo-con, fanática e ultra-reaccionária, que pensou dominar o Mundo... Talvez um dia - quem sabe? - o Tribunal Penal Internacional, se lembre de os julgar, pelo mal que fizeram à Humanidade.

Passaram cinco anos que mudaram o Mundo, para muito pior. Anos duros, sombrios, sem perspectiva. Em que os grandes valores pareciam soçobrar. Sobretudo no Ocidente, que perdeu prestígio, poder e a imagem de um humanismo universalista que antes o caracterizava. Mas há já reacções anunciadas, que se esboçam. E que implicam, necessariamente, rupturas. O Mundo não pára. Haverá reformas profundas - esperemos - para evitar revoltas incontroláveis e anárquicas, que as pessoas comuns reclamam e têm razões em reclamar. Não é possível calar a voz dos Povos desesperados, onde as liberdades e os Direitos Humanos sejam respeitados!

2. Elvas. Uma cidade raiana, com Badajoz à vista, em franco progresso, inaugurou, no passado sábado, 15 de Março, o seu Museu de Arte Contemporânea, com a presença do novo Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro. As instalações são magníficas, reconstruídas como foram, com inteligência e gosto, num velho palácio, sem o alterar no fundamental.

A exposição inaugural, organizada pelo professor e organizador de eventos culturais, João Pinharanda, teve como tema principal "A Defesa e o Ataque". Entre esculturas e telas, destacam-se onze belíssimas e enormes fotografias, a cores, feitas por Augusto Alves da Silva, sobre a paisagem idílica da base das Lajes (Açores), no dia 16 de Março de 2003 entre as 7 e as 19 horas. As imagens documentam a descida dos aviões de Bush, Blair e Aznar, onde foram ao encontro de Durão Barroso, para assistirem à Cimeira dos Açores.

A paisagem açoreana, com o largo Oceano ao fundo e o silêncio e a paz que se adivinha do verde que envolve o aeroporto, forma um imenso contraste com os horrores que se discutiram e preparavam, à porta fechada, para uma guerra que ia começar, que ainda não acabou e que marcaria tão negativamente - como os atentados de 11 de Setembro - o início do século em que vivemos...

3. A Duquesa Vermelha. Como alguns semanários portugueses noticiaram, morreu, na passada sexta feira, no seu Castelo de Sanlucar de Barrameda, na foz do Rio Guadalquivir, Luisa

Isabel Alvarez de Toledo y Maura, Duquesa de Medina Sidónia e Marquesa de Villafranca, uma dos "grandes" de Espanha.

Era uma personalidade muito singular. Tendo nascido no Estoril, em 1936 - no ano fatal do golpe clerical-franquista contra a II República Espanhola, que se transformaria em cruenta guerra civil (1936-39) - numa família da mais alta aristocracia, aliás muito ligada a Portugal (Luisa de Gusmão, mulher de D. João IV, pertencia à linhagem dos Medina Sidónia). Tornou-se em adulta republicana e anarquista, depois de um casamento infeliz que desfez, assim que lhe foi possível.

Pela parte da mãe era neta de António Maura, outro "grande" de Espanha, que foi ministro da República e avô em linha recta do intelectual e escritor espanhol, Jorge Semprun, ministro da Cultura de um dos governos de Felipe Gonzalez. Conheci a Duquesa de Medina Sidónia, quando se encontrava exilada em Paris, depois de ter estado presa nos cárceres franquistas, para evitar novas prisões. O Maio de 68 ainda estava próximo e o ar que se respirava em Paris, em pleno gaulismo, era de grande liberdade e não só política.

Lembro-me que a conheci num jantar do Centro Republicano de Paris, em homenagem ao político catalão Companys, fuzilado pelos franquistas, onde se encontrava também a sua Viúva. Nos arquivos da Fundação Mário Soares deve ainda haver uma fotografia desse evento onde eu figuro, sentado ao lado da Duquesa Vermelha.

Falámos muito nessa noite. Naturalmente de Espanha, de Portugal e das respectivas libertações. Conspirámos um pouco. E ficámos amigos. Vimo-nos ainda algumas vezes em Paris. Depois da Revolução dos Cravos, visitou-me em Lisboa, não sem reconhecer que, finalmente, Portugal se tinha libertado da Ditadura primeiro do que Espanha!

Mas a transição espanhola veio logo em 1976-78. A Duquesa Medina Sidónia regressou a Espanha, entretanto. Filiou-se no PSOE. Participou em manifestações. Distribuiu terras suas às cooperativas de camponeses da Andaluzia. E, sobretudo, zangou-se com muita gente porque era de feitio conflituoso, frontal, dizia o que pensava, sem papas na língua, e era muito senhora do seu nariz.

Cansada da política, refugiou-se no seu Castelo de Sanlucar de Barrameda e meteu-se, furiosamente, a organizar o seu valiosíssimo Arquivo Histórico, com a colaboração da sua inseparável amiga alemã, Liliana, com quem vivia em União de Facto, perfeitamente assumida. A última das suas originalidades consistiu em casar in articulo mortis, coerentemente, com a sua amiga Liliana, a quem deixou os seus bens.

Um dia era eu Presidente, telefonou-me para Belém. Disse-me que se tinha zangado com o Reitor da Universidade Complutense de Madrid, que aliás, era um homem consensual e pacífico, que conheci bem. Queria estabelecer um contacto com a Universidade de Coimbra, cujo prestígio conhecia desde sempre. Pediu-me, numa palavra, para fazer o contacto.

Assim fiz. Contactei o meu Amigo, Reitor de Coimbra, Rui Alarcão, e disse-lhe do que se tratava. Ele ficou francamente interessado. E daí, partimos os dois, de automóvel, para Sanlucar de Barrameda, onde passámos uma noite e jantámos com a Duquesa e a sua inseparável amiga e conversámos longamente. Uma noite divertida e encantadora.

Acho que o acordo não se chegou a concretizar. Infelizmente. Não sei bem porquê. Mas dessa noite - e da nossa conversa - ficou-me uma recordação indelével. Lembro-me que referiu e mostrou um velho relatório que encontrou nos seus Arquivos, de um espião de Felipe II de Espanha, que assistira à batalha de Alcácer-Quibir e que assinalava ao Rei que D. Sebastião não tinha morrido e fugira. Lembrei-me de um grande romance de Aquilino Ribeiro - de pura ficção - "Aventura Maravilhosa", que narra a fuga de D. Sebastião, depois da batalha, até chegar, após imensas peripécias, ao Escorial para reclamar o trono ao seu tio Felipe II. Que o reconheceu e o mandou matar.

Será que os sebastianistas teriam alguma razão ao afirmar, naqueles tempos, que D. Sebastião não morrera em Alcácer-Quibir?! Eis um enigma que alimenta há séculos nossa História e a imaginação de muitos portugueses.

Lisboa, 18 de Março de 2008